

SIMPÓSIO AT038

“LONGE ESTÁ O MEU AMOR”: DIÁLOGOS ENTRE AS CANTIGAS DE AMIGO E A POESIA EM MARIA BETHÂNIA

SILVA, Laianni.
Graduação em Letras – Língua Portuguesa (UFRN)
laiannivitoria@ufrn.edu.br

Resumo: Em muitas letras da música popular brasileira percebe-se uma relação dialógica com a literatura da Idade Média, especificamente com a cantiga de amigo da primeira fase medieval, o Trovadorismo ou a escola Provençal (RODRIGUES, 2003). Nesse sentido, através da saudade e da emoção ressaltada em suas canções, Maria Bethânia estabelece esse diálogo entre suas composições/interpretações e as cantigas de amigo, trazendo temas como saudade e natureza, assim como marcas da oralidade mescladas à linguagem poética e à musicalidade. Considerando esses aspectos, o presente estudo tem como objetivo analisar músicas de Maria Bethânia mediante características específicas dos cantares de amigo, buscando estabelecer um diálogo entre a poética e a construção estética de ambos. Para tanto, serão utilizados estudos de Amador Ribeiro Neto sobre poesia e teoria literária. Os resultados da pesquisa apontam para a importância da relação música-poesia no ensino de literatura portuguesa, mais especificamente a medieval, não considerando as duas como esferas distintas e isoladas, mas que podem ser trabalhadas em harmonia, melhorando o processo de ensino-aprendizagem através dessas relações.

Palavras-chave: Maria Bethânia; poesia medieval portuguesa; música; relações dialógicas.

Abstract: In lots of lyrics of Brazilian popular music, a dialogical relationship with the literature of the Middle Ages is noticed, specifically with the ditty of friend from the first medieval phase, the Troubadourism or the Provençal school (RODRIGUES, 2003). In this sense, through the nostalgia and emotion highlighted in her songs, Maria Bethânia establishes this dialogue between her compositions / interpretations and the medieval dittys, bringing themes such as nostalgia and nature, as well as orality combined with poetic language and musicality. Considering these aspects, the present study aims to analyze the music of Maria Bethânia through specific characteristics of the friend songs, seeking to establish a dialogue between poetic and aesthetic construction of both. To do so, will be used readings such as Amador Ribeiro Neto on poetry and literary theory. The results of the research point to the importance of the relation music-poetry in the teaching of Portuguese literature, more specifically medieval productions, not considering both as distinct and isolated spheres, but something that can be worked in harmony, improving the teaching-learning process through this relationship.

Keywords: Maria Bethânia; portuguese medieval poetry; music; dialogical relations.

Introdução

As cantigas de amigo, apesar de serem escritas por homens, possuem, em sua essência, eu-lírico feminino e abordam as questões sentimentais das mulheres pertencentes às camadas populares. Dessa forma, pela primazia dos sentimentos, da saudade e da emoção ressaltada em suas canções, Maria Bethânia estabelece um diálogo entre suas interpretações e as cantigas de amigo. A saudade e a natureza, temas frequentes na poesia medieval portuguesa, aparecem em algumas canções da baiana, assim como marcas da oralidade mescladas à linguagem poética e à musicalidade.

Considerando esses aspectos, o presente estudo tem como objetivo analisar músicas de Maria Bethânia mediante características específicas dos cantares de amigo, buscando estabelecer um diálogo entre a poética e a construção estética de ambos. Serão analisadas as músicas “Andorinha” e “Cantiga da noiva” e duas cantigas de amigo, de D. Dinis e Pero da Ponte. Para tanto, serão utilizados estudos de Massaud Moisés e Segismundo Spina e sobre a literatura portuguesa medieval e estudos de Amador Ribeiro Neto sobre poesia e teoria literária.

1. Algumas concepções teóricas

1.1. As cantigas medievais

As cantigas de amigo, escritas pelos mesmos trovadores que escreviam as de amor ou as de escárnio e maldizer e tematicamente afim das primeiras, focalizam um lado da relação amorosa oposto à de amor: enquanto a de amor retrata a idealização da mulher amada pelo homem e a sua “angustiante experiência passional frente a uma dama que parece indiferente, inacessível aos seus apelos, entre outras razões porque de superior estirpe social, enquanto ele era, quando muito, fidalgo decaído” (MOISÉS, 2008, p. 25), a de amigo expressa o sofrimento amoroso da mulher simples, pertencente às camadas populares:

O trovador, amado incondicionalmente pela moça humilde e ingênua do campo ou da zona ribeirinha, projeta-se no seu íntimo e desvenda-lhe o desgosto de amar e ser abandonada, em razão da guerra ou de outra mulher. O drama é o da mulher, mas quem ainda compõe a cantiga é o trovador. (MOISÉS, 2008, p. 27)

Tais cantigas possuem traços mais descritivos e narrativos do que as de amor. A voz expressa é a de uma mulher, que dirige confissões a riachos, pássaros, às amigas e à mãe, confissões essas que, geralmente, segundo Moisés (2012), compreendem uma paixão intransitiva e incompreendida, mas que ela se entrega de corpo e alma. Vistas no seu conjunto, essas configurações da cantiga de amigo traduzem os vários momentos do namoro, desde a alegria da espera ou do diálogo entre moças acerca dos seus amores, até a tristeza pelo abandono ou a separação forçada (MOISÉS, 2008, p. 26).

1.2. Relações dialógicas entre música e poesia

A relação entre a lírica medieval e a música atual é reforçada por Rodrigues (2003), que diz que em muitas letras da música popular brasileira percebe-se uma relação dialógica com a literatura da Idade Média, especificamente com a cantiga de amigo da primeira fase medieval, o Trovadorismo ou a escola Provençal. Cantores brasileiros como Chico Buarque, Vinícius de Moraes, Cartola e Dolores Duran mantêm as características do lirismo medieval em suas canções, como o paralelismo, traço típico da oralidade e a temática amorosa.

A questão poesia de livro e letra de música é mais complexa do que julgamos à primeira vista. Alguns críticos afoitos decretam que poesia é coisa de livro, e letra de música é coisa cantada. Mas o próprio Platão (século V a.C.) já se interrogava: “o que são os versos dos poetas quando se lhes tira o colorido que lhes empresta a música?”. Assim, adianta pouco ou quase nada o poeta João Cabral declarar que não gosta de música e

o músico João Donato retrucar que odeia poesia. Os dois continuam cruzando seus desafetos estéticos com a força da realidade: poesia é música e música é poesia. Há muita música na poesia de Cabral. Como há muita poesia na música de João Donato. (NETO, A. R. 2014, p. 47)

Nesse sentido, Maria Bethânia surge como uma artista de forte expressão poética dessas características no meio musical. Mesmo sendo considerada uma artista de protesto através das suas músicas e as utilizando para valorizar as religiões afro-brasileiras, a temática lírico-amorosa também marca toda a sua trajetória como ícone da MPB. Segundo Ferreira (2002, *apud* SILVA, 2010, p. 14), “é o teatro do amor. Tão ao gosto do povo brasileiro e, por isso mesmo, matéria-prima do repertório de Bethânia”.

2. Da poesia medieval à contemporânea: o amor e a saudade em Bethânia

Algumas canções de Maria Bethânia preservam traços das cantigas de amigo e dialogam com a estética da produção lírica medieval, ainda que em viés e contexto atuais, como na música *Andorinha*, composição de Silvio Caldas (2010):

Andorinha

- 1 Andorinha, seu verão está longe
- 2 Longe está o meu amor
- 3 Eu canto, eu choro, e a saudade
- 4 Me traz andorinha, bailarina serena
- 5 A saudade de alguém que partiu
- 6 Como andorinha que fugiu
- 7 Bailarina serena que traça no espaço
- 8 Uma doce esperança
- 9 Esperança brejeira
- 10 Que traz a saudade primeira de alguém que partiu

Fonte: Letras (2018)

O primeiro aspecto observável é a temática da canção. *Andorinha*, composição do século 21, reporta às cantigas de amigo por apresentar um cenário bucólico e simples, que nos remete aos elementos da natureza. Nela, o eu-lírico dirige confissões a uma andorinha sobre a pessoa amada que está

longe. O mesmo acontece na cantiga de D. Dinis (1279- 1325), rei trovador português, na qual o eu-lírico anuncia às flores a preocupação com seu amante:

1 - Ai flores, ai flores do verde pino,
2 se sabedes novas do meu amigo?
3 ai, Deus, e u é?

4 - Ai flores, ai flores do verde ramo,
5 se sabedes novas do meu amado?
6 ai, Deus, e u é?

Fonte: SPINA, 1969.

A andorinha na canção de Maria Bethânia representa a boa sorte e a fidelidade no amor. As andorinhas são também conhecidas por serem monogâmicas e ficarem com os seus parceiros por toda a sua vida: quando partem no inverno, voltam na primavera ou no verão, normalmente para os mesmos lugares. Logo, no primeiro verso “*Andorinha, seu verão está longe*” é simbolizada a má sorte do eu-lírico na relação amorosa, tendo em vista a saudade causada pela dor da partida e a angústia pela espera da volta, representada pelo tempo que levará para o verão (a sorte no amor ou o próprio amado) voltar.

A saudade é tema recorrente na poesia medieval lírica portuguesa. A dor pela ida dos maridos e namorados das camponesas à guerra era expressa em muitas das composições do período. O sentimento era, assim, exteriorizado e o amor incondicional e ingênuo da moça do campo concretizado em angústia, como na cantiga de Pero da Ponte, trovador de larga produção, natural de Galiza:

1 Foi-s’ o meu amigo d’aqui
2 na hoste, por el-rei servir,
3 e nunca eu depois dormir
4 pude, mais bem tenh’ eu assi
5 que, pois m’el tarda e non vem,
6 el-rei o faz que mi-odeten.
13 E bem se devia nembrar
14 das juras que m’enton jurou,
15 u m’el mui fremosa leixou,
16 mais, donas, podedes jurar,
17 que, pois m’el tarda e non ven,
18 el-rei o faz que mi-odeten.

Fonte: MOISÉS, 2012.

A cantiga de Pero da Ponte retrata uma figura feminina que se queixa da ausência do marido ou namorado, uma vez que foi atender aos anseios do rei indo à guerra. Nela, o eu lírico demonstra insatisfação e desassossego com a ida e a falta de notícias, mas é confortada pela ideia de que é o rei quem o impede de regressar. Análoga a isso, vejamos o trecho da música “Cantiga da noiva”, de Dorival Caymmi, interpretada por Bethânia:

Cantiga da noiva

- | | |
|---|--|
| 1 É tão triste ver partir alguém
que a gente quer com tanto amor | 11 Como passa a mão e o rio |
| 2 E suportar a agonia de esperar
voltar | 12 Que lavaram teu cabelo |
| 3 Viver olhando o céu e o mar | 13 Meu amor não tenhas medo |
| 4 A incerteza a torturar | 14 Me dê a mão e o coração, me
dê |
| 5 A gente fica só | 15 Quem vive, luta partindo |
| 6 tão só | 16 Para um tempo de alegria |
| 7 A gente fica só | 17 Que a dor de nosso tempo |
| 8 Tão só... | 18 É o caminho |
| 9 É triste esperar... | 19 Para a manhã que em seus
olhos se anuncia |
| 10 Ah, todo o tempo há de
passar | 20 Apesar de tanta sombra,
apesar de tanto medo |
| | 21 Apesar de tanta sombra,
apesar de tanto medo |

Fonte: Letras (2018).

A musicalidade das composições medievais se dá pela simetria do ritmo (como em *Fois' o meu amigo d'aqui/ na hoste, por el-rei servir*) e pelo paralelismo rigoroso, típico das poesias populares (*se sabedes novas do meu amigo?/ se sabedes novas do meu amado? Ai, Deus, e u é?*).

Em Andorinha, os versos não atendem a esse rigor da métrica de versificação, possuindo, assim, versos mais livres, apesar da permanência da rima em alguns versos (A saudade de alguém que partiu / Como andorinha que fugiu). No entanto, a musicalidade aqui se dá através da aliteração da consoante N (*andorinha, longe, canto, bailarina, serena*) e da repetição em

toda a canção do fonema /s/ (está, **s**audade, **s**erena, traça, **s**paço, doce, **s**perança, traz, destino, quis, **s**ou, estrada, posso). Em *Cantiga da noiva*, a metrificação acontece de forma ainda mais irregular que a primeira e a musicalidade se dá através da aliteração das consoantes N e M (alguém, tanto, olhando, incerteza, amar) e da repetição do /r/ nas oxítonas no final dos primeiros versos e do /o/ nas paroxítonas dos últimos (amor, esperar voltar, o céu e o mar, a incerteza a torturar, é triste esperar, o tempo há de passar; medo, partindo, tempo, caminho).

3. Considerações finais

Ao final desse estudo, alguns pontos puderam ser percebidos. *Andorinha*, *Cantiga da noiva* e as duas cantigas medievais transparecem uma sensibilidade única ao leitor. Os sentimentos são retratados de maneira cautelosa e suave, inferindo, assim, à figura feminina uma personalidade delicada e completamente entregue ao sentimento por quem se ama.

O diálogo entre as quatro composições acontece por meio de um conteúdo semântico similar, considerando os diferentes contextos, o que torna a poesia de Maria Bethânia engajada à poesia medieval, o que enfatiza a presença desses traços advindos do nosso colonizador nos dias atuais.

Assim, a pesquisa estende-se às discussões sobre a importância da relação música-poesia, não considerando as duas como esferas isoladas, mas como complementares, principalmente no ambiente do ensino, incentivando a apreensão e a investigação literária através de produções mais acessíveis e compreensíveis aos alunos do ensino básico.

Referências

BETHÂNIA, Maria. **Andorinha**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/maria-bethania/1768852>. Acesso em 14 set. 2018.

_____. **Cantiga da noiva**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/maria-bethania/1236625/>. Acesso em 20 set. 2018.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008. p. 23 – 39.

_____. **A literatura portuguesa através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2012.

RIBEIRO NETO, Amador. **A linguagem da poesia**. 2 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

RODRIGUES, N. A. D. **Os estilos literários e letras de música popular brasileira**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

SILVA, Marlon. **“No que eu canto trago tudo o que vivi”**: a tradição e o popular em Maria Bethânia (1965-1978). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei, 2010.

SPINA, Segismundo. **Presença da literatura portuguesa**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1969.